

O silêncio como elemento interativo do rádio contemporâneo: apontamentos para uma proposição metodológica¹

Roscéli KOCHHANN²

Rafael de Jesus GOMES³

Universidade do Estado de Mato Grosso- Unemat

Universidade Federal do Paraná

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho- Unesp

RESUMO

Apresentamos um recorte da pesquisa intitulada “Por uma proposta metodológica das interações e processos de comunicação do rádio contemporâneo”. Ela tem como objetivo o desenvolvimento de um protocolo aberto para pesquisas de interações radiofônicas. O protocolo é construído a partir da realização de uma pesquisa da pesquisa (Bonin, 2008) e de uma revisão de literatura sobre metodologias da comunicação, cultura digital, caracterização dos processos de comunicação do rádio. Entre os pontos indicados como fundamentais na constituição da análise do objeto radiofônico, encontra-se o silêncio. Este texto apresenta uma proposta para olhar o silêncio como um elemento interativo.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação radiofônica; interação; metodologia da pesquisa; silêncio.

INTRODUÇÃO

O rádio contemporâneo é compreendido como um meio multifacetado. Ao configurar-se como expandido (Kischinhevsky, 2016) e hipermidiático (Lopez, 2010), ele complexifica suas narrativas inserindo interagentes e elementos para além dos sonoros. Essa complexidade narrativa desafia pesquisadores de rádio e mídia sonora a repensar aspectos metodológicos das análises realizadas. Isso pode ser percebido a partir de diversos estudos já publicados (Kischinhevsky et. al., 2015; Meditsch e Betti, 2019;

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Professora do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal do Paraná. E-mail: rosceli.kochhann@unemat.br

³ Professor Interino do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. E-mail: rafael.gomes@unemat.br

Lopez et. al., 2021; Kischinhevsky, 2021). O resumo aqui apresentado é um recorte de uma pesquisa que busca contribuir com a discussão. A investigação tem como objetivo desenvolver um protocolo metodológico aberto para investigar interações radiofônicas. O estágio atual do desenvolvimento da proposta defende que, para realizar uma pesquisa que dê conta da complexidade do objeto radiofônico, é necessário olhar para, pelo menos, quatro camadas de observação: a caracterização do ouvinte, a tecnologia envolta no objeto empírico, a caracterização do produto midiático radiofônico e os elementos contextuais da produção. Aqui centra-se a reflexão sobre a caracterização do produto radiofônico, considerando que ele é formado, também, pelo silêncio. A proposta de protocolo tem sido construída a partir da realização de uma análise de conteúdo de teses e dissertações brasileiras que trabalham com o rádio a partir da perspectiva das interações (Bardin, 2021), associada a uma pesquisa de revisão de literatura sobre a caracterização do rádio contemporâneo, da sociedade digital, dos conceitos de interação, da convergência e sobre reflexões metodológicas.

O SILÊNCIO COMO PONTO DE ANÁLISE PARA PESQUISAS SOBRE COMUNICAÇÃO RADIOFÔNICA

Consideramos a comunicação radiofônica como um processo formado por um conjunto de interações e que, no cenário atual, é composto por interagentes variados. Nesse processo comunicativo compreendemos que o produto midiático radiofônico é parte fundamental, visto a sua materialidade. Esse produto midiático é pensado a partir da composição de dois diferentes microssistemas: o microssistema sonoro e o microssistema parassonoro. O microssistema sonoro, enquanto protagonista desse processo comunicativo, é formado por um conjunto de elementos que, em associação, compõem o que se considera como uma linguagem radiofônica.

Kaplún (1978), considerava a palavra, a música e os sons como sendo os elementos constituintes da linguagem radiofônica. Prado (1989), por sua vez, indicava que a palavra, o ruído, o silêncio, a música e os efeitos especiais, quando combinados e em interação, perdem a sua “unidade conceitual” (Prado, 1989, p. 36), formando o que o autor chama de “novo conceito” que é o que se tenta transmitir: o conceito de linguagem radiofônica.

Balsebre (2007), apontava que a palavra, os efeitos sonoros, o silêncio e a música como sendo elementos constituintes dessa linguagem. Ainda, Ferraretto (2014) explica que a linguagem radiofônica é constituída a partir da voz humana, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio. Percebe-se, portanto, que o silêncio pode ser pensado como um elemento da linguagem radiofônica.

Ferraretto (2014) refere-se ao silêncio como um momento de ausência de um som planejado. Já Schafer (2011, p. 59) indica que o silêncio é um “recipiente dentro do qual é colocado um evento musical” ou ainda “uma caixa de possibilidades”. Ana Baumworcel (2005) parte da ideia de que o silêncio é a mediação da interpretação. Logo, ele é capaz de auxiliar na composição de uma imagem mental provocando a ação do ouvinte. É, portanto, um espaço para interações.

Baumworcel (1998) explora essa perspectiva detalhadamente ao analisar os espaços de silêncio em *A Guerra dos Mundos*. Ela entende que a utilização do silêncio auxiliou no desenvolvimento de um lugar de intérprete e de co-autor do ouvinte. Ao considerar que o silêncio “dá ao dizer a possibilidade de ter vários significados” (1998, p. 02), a autora afirma que Welles, autor do episódio, faz a sugestão de um clima mas, ao inserir um silêncio de seis segundos na narrativa, permite que o ouvinte complete o processo comunicativo. No caso por ela analisado, o silêncio provocou diferentes interpretações ou percepções, como o suspense, tensão, pavor, morte. Pode ainda, afirma a autora, ter sido utilizado como uma estratégia para manter o ouvinte atento a emissora. Assim, quando o silêncio abre o espaço para o ouvinte visualizar o que quiser, esse ouvinte se torna um “sujeito interativo, interpretando e dando o sentido que lhe convier (Baumworcel, 1998, p. 05)

Thomas Bruneau e Francine Achaz (1973), autores também citados por Baumworcel (1998) apresentam duas diferentes categorias para pensar o silêncio: o silêncio psicolinguístico e o silêncio interativo. O psicolinguístico pode ser rápido ou de longa duração. No primeiro caso, trata-se de um silêncio que pode ser frequentemente identificado e que se tratam de hesitações praticamente automáticas por parte do codificador. Seria um silêncio quase involuntário, tomado como parte constitutiva de qualquer comunicação. O silêncio psicolinguístico de longa duração estão mais ligados ao movimento de organização e categorização dos níveis de experiência e de memória. Ele é voluntário e relaciona-se com a interpretação do dito.

Já o silêncio interativo é de longa duração e permitem a produção de emoções, opiniões. Para os autores, é comum que a utilização do silêncio psicolinguístico lento não estabeleça trocas ativas e não provoque ações variadas, o que não aconteceria no silêncio interativo. Nesse sentido, é nos silêncios interativos que se abre a possibilidade de tomada de decisões relacionadas aos julgamentos, à afetividade e, portanto, esse tipo de silêncio se torna mais favorável para as relações interpessoais. Basicamente, “a diferença entre silêncio interativo e silêncio psicolinguístico reside principalmente no fato de que, no primeiro, cada participante está ciente do grau e da maneira que se espera que participe da comunicação”⁴. (Bruneau; Achaz, 1973, p.08)

A partir das reflexões acima desenvolvidas, entendemos o silêncio como o momento onde existe uma ausência do som, planejada ou não, pelo locutor. Metodologicamente, nossa sugestão é que essa seja, justamente a primeira classificação quando se considera esse elemento como camada de análise. Portanto, entendemos que existem dois tipos de silêncio, o intencional e o não intencional. O primeiro é aquele que é planejado e utilizado para, com alguma finalidade específica, chamar a atenção do ouvinte. O segundo é o silêncio causado por alguma questão de ordem técnica ou, ainda, pela necessidade de uma pausa do locutor.

O silêncio intencional pode ser acionado com diferentes finalidades como, promover a reflexão do ouvinte para alguma questão, convidar o ouvinte para potencializar o nível de atenção a programação, desacelerar o ritmo da locução e, ainda, configurar um espaço para a interpretação do ouvinte. Entendemos que ambos, tanto o intencional quanto o não intencional são interativos, pois promovem ações, interpretações ou avaliações dos sujeitos envolvidos no processo comunicativo.

Um segundo ponto que entendemos como importante é a elaboração de inferências, por parte do pesquisador, a respeito do silêncio percebido no áudio em análise. É uma reflexão subjetiva, mas importante. O tempo da ausência do som, a frequência do acionamento da estratégia, as palavras mencionadas antes ou depois, entre outros aspectos, pode fornecer pistas importantes sobre a intencionalidade e as percepções que podem ser construídas pelos ouvintes.

⁴ Tradução nossa para: La différence entre le silence interactif et le silence psycholinguistique réside principalement dans le fait que, dans le premier cas, chaque participant a conscience du degré et de la façon dont on attend de lui qu'il participe à la communication. (Bruneau; Achaz, 1973, p.08)

APONTAMENTOS FINAIS

O silêncio sempre provoca algum tipo de ação quando integra a narrativa radiofônica. Seja ele intencional ou não, ele se coloca como um convite para que o ouvinte faça alguma coisa. Isso pode acontecer de forma consciente ou não. Por tal motivo, compreendemos que o silêncio se trata de um elemento interativo e que, por isso, precisa ser considerado nas investigações sobre rádio.

Nossa sugestão é que se considere duas questões fundamentais como ponto de partida para a reflexão do papel do silêncio no produto radiofônico. A primeira delas é a identificação de um silêncio intencional ou não. A partir disso, acreditamos, é possível partir para a Segunda questão que é a produção de inferências por parte do pesquisador. Ao olhar para o momento do silêncio, o tempo, a presença ou ausência da intencionalidade, associada a percepção dos outros elementos que o acompanham, podem fornecer pistas sobre as interações que se constroem no processo comunicativo.

REFERÊNCIAS

- BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofónico**. 5.ed. Madri: Cátedra, 2007.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2021.
- BAUMWORCEL, Ana. Os espaços de silêncio em A Guerra dos Mundos. **Rádio e pânico-a guerra dos mundos**, v. 60, p. 45-53, 1998.
- BAUMWORCEL, Ana. Armand Balsebre e a teoria expressiva do rádio. In: MEDITSCH, E. (org). **Teorias do rádio: textos e contextos**, v.1, Florianópolis, Insular, 2005.
- BONIN, Jiani Adriana. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista FAMECOS**, 15(37), 121-127, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2008.37.4809.
Disponível em:
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4809>. Acesso em: 29 abr. 2023.
- BRUNEAU, Thomas J. ACHAZ, Francine. Le silence dans la communication. In: **Revista Communication et langages**, 4º trimestre, págs. 5-14, 1973
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.
- KAPLÚN, Mario. **Produccion de programas de radio: el guion, la realizacion**. Quito: Ciespal, 1978.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo et al. Desafios metodológicos nos estudos radiofônicos no século XXI. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38. **Anais...** Rio

de Janeiro, 2015. Disponível em: [Anais :: Intercom :: XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO \(portalintercom.org.br\)](#) Acesso em: 07 fev. 2023.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais:** mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Notas para uma metodologia de pesquisa em rádio expandido. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44. **Anais...** Virtual, 2021. Disponível em: [Padrão \(template\) para submissão de trabalhos ao \(portalintercom.org.br\)](#) Acesso em: 20 dez. 2022.

LOPEZ, Debora C. **Radiojornalismo Hipermediático:** tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all newsbrasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã, Portugal: LabCom, 2010. Disponível em: http://labcom.ubi.pt/ficheiros/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf. Acesso em: 08 out. 2023.

LOPEZ, Debora C. et al. Metodologia para análise de referência com apoio em software: a abordagem de gênero nos estudos radiofônicos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44. **Anais...** Virtual, 2021. Disponível em: [Lopez, Betti, Freire, Gomes, 2021 \(portalintercom.org.br\)](#) Acesso em: 20 dez. 2022.

MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana Gobbi. Os elementos sonoros na análise da informação radiofônica: em busca de métodos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 17, **Anais...** Goiânia, novembro de 2019. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/viewFile/2030/1173>. Acesso em: 04 fev. 2024.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica.** São Paulo: Summus, 1989.

SCHAFER, Murray R.. **A afinação do mundo.** Tradução de Marisa Trench Fonterrada. 2 ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.